



Introdução

Papus apresenta em seu livro **Tratado de Ciências Ocultas** a metodologia pela qual podemos extrair o conhecimento do invisível a partir do mundo visível. A ciência do Ocultismo tem por objetivo permitir ao ser humano acessar um conhecimento que não está limitado à nossa percepção material e comprovação através de nossos aparelhos tecnológicos atuais. Ou seja, existem faculdades psíquicas do ser humano que permitem que um outro nível de saber seja descoberto por nós, o que também irá nos permitir ter uma experiência mais profunda da nossa própria existência. Diferente do filósofo da academia que apenas lê sobre as ideias e princípios da criação, o ocultista experimenta isso em seu âmago entrando em contato com a realidade em um nível que a mente racional não pode alcançar.

Os humanos são capazes de descobrir informações complexas pelo método da indução ou da dedução, e de certa maneira acessar conceitos que nossa tecnologia ainda não é capaz de registrar. Um exemplo clássico que podemos utilizar de nossa capacidade dedutiva é a concepção sobre a ideia do átomo de Leucipo e Demócrito ainda no século V antes de nossa era. Não existiam aparelhos capazes de indicar as partículas de formação da matéria, e logicamente existem muitas inconsistências na teoria atomista deles, mas podemos perceber que o cerne da ideia já era vislumbrado por esses pensadores utilizando apenas sua mente. Outro exemplo é o de Giordano Bruno que em uma meditação elevou-se até o espaço e viu o planeta Terra em sua forma esférica, quando todos acreditavam que nosso planeta era plano.

Existem milhares de exemplos na história de teorias e conhecimentos antecipados, ou seja, que foram acessados antes de nossos aparelhos poderem comprovar tais saberes. Até Einstein viveu esse processo de antecipação prevendo axiomas que só seriam provados muitos posteriormente. Cada indivíduo vai ser capaz de identificar em sua própria vida momentos em que acessou informações de forma inexplicável. Uma manifestação dessa faculdade em um diferente nível é a própria intuição, nossa mente possui um poder de processamento de dados que vai muito além do que podemos perceber racionalmente.

A linguagem simbólica

As Escolas de Mistério tem compreendido que a linguagem simbólica é capaz de:

- Utilizar um mesmo texto para falar de muitas camadas de conhecimento
- Desenvolver as faculdades psíquicas do Buscador
- Registrar informações de forma velada contra profanos em tempos de intolerância

Ou seja, quando estudamos um mito ou símbolo legado pelos Iniciados precisamos de uma chave para entender todo seu legado e nos embeber desse conhecimento. Quando queremos nos conectar a informações ligadas ao mundo do invisível precisamos nos servir da Analogia para compreender esse conhecimento em todos os níveis que ele se disponibiliza.



A Analogia é um método, uma forma de aplicação de nossas faculdades mentais, para abrir portas para o nosso desenvolvimento de consciência. A metodologia é fundamental para o estudante da ciência de Hermes. Todas as simbologias de tábuas mágicas como correlações de pedras, cores e plantas com planetas (ideias arquetípicas) foram criadas com o uso dessa metodologia. A própria astrologia (de forma correta ou não) é construída sobre a Analogia. Alquimia, Magia, Ciências divinatórias, tudo que envolve as ciências ocultas são consequências da manifestação da Analogia.

Quod inferius, quod superius.

Sem o conhecimento dessa forma de análise não há como avançar na Senda iniciática. É preciso compreender que todo o desenvolvimento da psiquê humana exige um processo no qual projetamos nosso inconsciente sobre o objeto analisado, e assim nos tornamos abertos para a manifestação do invisível. Sem esse processo é impossível expandirmos nossa consciência e acessar as faculdades psíquicas que nos permitirão atuar sobre o invisível.

A manifestação da LEI

Papus utiliza um exemplo que torna muito acessível a compreensão da metodologia analógica. Como podemos extrair o conhecimento do invisível pelo visível? Para isso ele propõe que imaginemos um livro sobre o qual iremos dedicar um estudo. Podemos considerá-lo “por meio do que vemos, os caracteres, o papel, a tinta, ou seja, por meio dos signos materiais, que são mera representação de algo maior, mas que não podemos ver: as ideias do autor” (pp. 35). Ou seja, para o iletrado o que está escrito nas páginas da obra a análise se resume ao que pode ser tocado, tangível. Para o Iniciado na arte da leitura e da língua existe um mundo que não pode ser percebido pelo tato e pela materialidade, que são os conceitos e ideias do autor registrados através das palavras impressas.

Podemos expandir ainda mais essa ideia de Papus pensando na materialidade das ideias. Imaginemos que um texto pode guardar um sentido invisível, por trás das ideias registradas apenas em sua linguagem. Se digo “o sol é o que faz o dia amanhecer” posso estar me referindo ao evento astronômico diário, mas também posso guardar o sentido que o “sol” é o Eu Superior e que o “dia amanhecer” é a pequena iluminação de uma abertura de consciência.

Ou seja, o texto que será lido pelo Iniciado possuidor da chave simbólica vai além do texto escrito. A análise das páginas de papel, tinta e material da capa está em um nível muito básico de percepção. Depois podemos entender as palavras literalmente, utilizando o código da língua para compreender o que está escrito, mas se formos além e entendermos que existem ideias ocultas por trás do texto estaremos abrindo as portas da alegoria, e assim utilizando a analogia. Com o uso da Lei podemos extrair conhecimentos vedados ao profano. A tentativa de análise de um texto hermético ou alquímico é impossível sem o uso da Analogia.



Vejamos esse pequeno excerto da análise de Fabre D'Olivet sobre os Versos Dourados de Pitágoras, no qual podemos entender um pouco sobre a forma como os antigos escreviam e como a História Alegórica difere da História Positiva:

É preciso lembrar que a história alegórica de tempos passados, escrita de modo diferente da história positiva que a sucedeu, não se parece em nada com esta. E em virtude de as confundirmos é que cometemos erros tão graves. Essa é uma observação importante que repito aqui. A história confiada à memória coletiva dos homens ou conservada nos arquivos sacerdotais dos templos em peças soltas de poesia só considerava as coisas do ponto de vista moral, jamais se preocupando com indivíduos, e contemplava as massas em ação - ou seja, os povos, as corporações, as seitas, as doutrinas, até as artes e as ciências, tal qual muitos seres individuais que são designados por nomes genéricos. (...) A história positiva, que se tornou a nossa, obedece a um método muito diferente, centrado nos indivíduos: ela registra com escrupulosa exatidão as datas e os acontecimentos desdenhados pela outra história. Os modernos ridicularizam o método alegórico dos antigos, quando acreditam em sua existência, da mesma maneira que, tenho certeza, os antigos ridicularizariam os métodos dos modernos caso pudessem prevêê-los.

Fabre D'Olivet, em os Versos Dourados de Pitágoras (pp. 35 do Tratado de Ciências Ocultas)

Nesse trecho podemos entender que a forma de pensar dos Iniciados do passado era diferente da nossa mentalidade atual. Seu registro estava conectado a uma mente-grupo, ou seja, mais ligada à percepção coletiva do que ao pensamento individual (que normalmente se nutre apenas do ponto de vista estritamente *racional*). O foco desse método é acessar o conhecimento coletivo derivado de uma estrutura inata à mente humana, os registros atemporais que podem ser acessados pelo que definimos como “mundo invisível”. Ou seja, esse saber não estava restrito ao indivíduo, mas provinha de uma interpretação coletiva do que habita no invisível. Talvez o que mais se aproxime em nossa atualidade da explicação desse registro de saber seja o conceito junguiano do inconsciente coletivo, pois ele percebe as estruturas inatas comuns aos humanos, entretanto ele desconsidera alguns níveis que são conhecidos pelos filhos de hermes há milhares de anos dessas estruturas de conhecimento.

O importante dessa discussão é compreender que podemos utilizar a Analogia para fazer uma análise dos textos iniciáticos, mas ela não se restringe ao estudo de mitos e símbolos. O método analógico pode ser utilizado para construir um conhecimento sobre o invisível através das situações do presente, de elementos do nosso cotidiano e até mesmo da reflexão sobre qualquer objeto. Papus afirma que o objetivo perseguido pelo Ocultista é o de determinar o invisível pelo visível, encontrar o *numem* por meio do fenômeno (pp.37), a ideia por meio da forma. O exemplo do livro deixa claro que o estudo do fenômeno é diferente do invisível, do *noumenon*. O fenômeno, em filosofia, é algo que se percebe pelos sentidos; o *noumenon* é algo que só pode ser postulado pela mente.

O método na prática

A grande pergunta que iremos fazer é como podemos saber o que o autor queria dizer analisando apenas os registro de suas ideias e os símbolos utilizados por ele. Existem 03 formas principais de análise de uma ideia:

O USO DA ANALOGIA NO ESTUDO DO OCULTISMO

FRATER PELICANO MERITUS



- Indução
- Dedução
- Analogia

A indução parte da materialidade do objeto. No exemplo do livro seria a análise de suas páginas, tinta, etc. A dedução seria a compreensão pelo código da língua, absorvendo o abstrato ou intangível. Em nosso exemplo entenderíamos que a frase “o sol é o que faz o dia amanhecer” está ligada a uma língua e fala de um evento astronômico.

A analogia é a consequência maior, pois ela une os dois métodos e expande sua interpretação através da generalização e principalmente expansão. O método analógico é um método especial para a “explicação, por mais rudimentar que seja, de todos os símbolos e histórias alegóricas considerados tão misteriosos” (pp. 39). Pois ao entender o contexto no qual o livro foi escrito podemos extrair códigos ocultos.

Vamos aplicar agora os 03 métodos para analisar nossa frase que visa expandir o próprio exemplo da análise de um livro oferecida por Papus.

Indução

- Idade histórica (datação de carbono, data de publicação, período no qual o autor viveu, etc)
- Cultural (qual as crenças, nível de conhecimento do autor, posição social, etc)
- Material (tipo de material utilizado para registro, técnicas de escrita, encadernação, etc)

Ex: *Inscrição em um monumento com a frase “o sol é o que faz o dia amanhecer”.*

Dedução

- O que está escrito (alfabeto, gramática, etc)
- Significado (palavras, semântica, informação)

Ex: *A inscrição foi feita por um sacerdote de uma Escola de Mistério com alto conhecimento em astronomia.*

Analogia

- Sistema de crenças
- Forma de expressão
- Representação simbólica

O USO DA ANALOGIA NO ESTUDO DO OCULTISMO

FRATER PELICANO MERITUS



Ex: Para seu povo, o sol representava a consciência do indivíduo, a mais alta expressão do ser. Se todos os dias o indivíduo precisa levantar-se, assim como o sol, ele deve também fazer do seu cotidiano uma busca diária de desenvolvimento da consciência.

Conclusão

Espero que essa breve introdução ajude a compreender que a Analogia é um processo de reflexão derivado da pesquisa, ou seja, depois de recolher todas as informações em diferentes níveis é preciso compreender que duas coisas análogas não são iguais, mas correspondentes. O pulmão recebe o ar, o estômago recebe a comida, os dois recebem elementos externos e os processam de forma a gerar um tipo de energia essencial para a vida. Eles são análogos, não iguais. Mas podemos entender que a comida é um tipo de alimento, o ar é outro tipo de alimento. Ambos são processados e geram cada qual um tipo de energia.

Quando falamos de Macrocosmo e Microcosmo precisamos aplicar a Analogia para entender como os Princípios e Leis gerais podem ser utilizados para entendermos nosso caminho. Façamos o exercício de utilizar a Analogia para entender nossas estruturas psicológicas, esse é um primeiro passo para o uso dessa metodologia. Terminemos refletindo sobre as palavras de Papus:

“Duas coisas em aparente oposição sempre têm entre si um ponto intermediário comum. Esse ponto resulta da interação dos dois opostos e participa de ambos. Duas coisas aparentemente opostas são apenas graus diferentes de uma só coisa.”

Assim entendemos que a Analogia não é apenas um processo comparativo, mas um modo de pesquisa obrigatório ao Ocultista. Em nossa rotina de estudo precisamos sempre fazer uma análise simbólica utilizando o conhecimento adquirido, mas precisamos ir além e buscar um entendimento que não depende de referências históricas ou análise material. Sem a analogia não é possível compreender os Grandes Mistérios e tampouco adentrar um estado de Gnosis. A conexão com esse nível de consciência mais elevado que costumamos denominar de Eu Superior (e que recebe outras denominações em diferentes linhas) exige um exercício contínuo de uso da Analogia.

Frater Pelicano Meritus
(Bruno Castellanos)

**Obra de Referência para aprofundamento de estudos*

